



RODA DE CHIMARRÃO

GOBO, Paulo Roberto¹; PROTTI, Salete Regina²

Resumo: Mais que uma resposta a quem, despreziosamente, acaba contribuindo à extinção de um povo, a série Roda de Chimarrão, em óleos sobre tela, visa propagar a cultura gaúcha mundo afora. Para tanto, além da gênese transcrita de seu argumento, busco relacionar à temática, outras três narrativas históricas, com vieses privado, público e artístico de práticas que podem levar à extinção. Exposição realizada em abril-maio/2017 pelo Nucart, espaço de debate da cultura na UNICRUZ, a Roda de Chimarrão origina-se como resposta a uma vertente de pensamento do tradicionalismo gaúcho segundo a qual nem toda pessoa nascida no Rio Grande do Sul deveria ser chamada de gaúcha, mas somente aquelas que de fato cultivam a tradição gauchesca usando diuturnamente a indumentária, o linguajar, os utensílios e alguns hábitos peculiares de uma cultura sexista que, embora característicos desta tradição, têm seu uso reduzido ao ponto de colocar sua protagonista à beira da extinção. Impactado pela sofisticação eugênica desta tese e intencionando mostrar como alguém pode reproduzir certas práticas de extinção com relativa facilidade, lembro o teólogo e economista Jung Mo Sung contando que, embora abstêmio, tem em casa litros com uísque, embora vegetariano, recebe amigos para churrascos; percebendo respectivamente que, não mantém seu estoque de uísques, nem prepara churrascos para si, que sua sede, na verdade, é de amizades, sua fome, de amigos, e concluindo que, ao levar um amigo para sua casa, passar com ele pela empregada sem apresentá-los, acaba tornando-a invisível, desconsiderando sua existência, extinguindo-a do convívio social. Nas políticas públicas, igualmente fáceis podem dar-se certas práticas de extinção. Antes da V Conferência Internacional de Educação de Adultos, Hamburgo/Alemanha/1997, que resolve pela “erradicação do analfabetismo” presumindo altos investimentos e árduo trabalho nisso, a pergunta do senso demográfico brasileiro era “Quantos analfabetos há nesta casa?”, considerando possibilidade de haver outros no domicílio, depois, passou a ser “Você é analfabeto?”, extinguindo, em função dos índices, qualquer possibilidade de existência dum par na casa e, por conseguinte, qualquer investimento público pró “erradicação”. Em suma, comprova-se estatisticamente a inexistência de analfabetos e não se gasta dinheiro com isso. Buscando sensibilizar quem queira, compartilho o aprendizado que tive visitando obra com sons da floresta, na Usina do Gasômetro, durante Bienal do MERCOSUL. Esta consistia de sala sonorizada, uma porta de entrada, outra de saída e uma armação cilíndrica ao centro com réplica de floresta com papagaios vivos. Após visita, interessados eram ouvidos e posteriormente informados que o autor foi um estudioso de povos indígenas que percebeu, nos sons emitidos pelos papagaios de região específica da floresta amazônica, a linguagem duma tribo já dizimada. Este lampejo de esperança revelado da natureza pela antropologia contrasta com práticas público-privadas de incentivo à extinção, permitindo expressar que, neste caso, o que nos torna gaúchos é o hábito diuturno e prazeroso que temos de cevar o mate e oferecer o chimarrão indistintamente a quem nos visita ou de tomá-lo de quem nos oferece. A Roda de Chimarrão quer ser esta chama acesa nos que sabem cevar e apreciar um bom chimarrão.

Palavras-Chave: Roda. Chimarrão. Cultura. Gaúcha. Extinção.

¹ Autodidata nas artes, Formado e Licenciado em Administração de Empresas pela UNIJUÍ, Pós-graduado em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas, site www.paulogobo.com.br e e-mail paulogobo@paulogobo.com.br

² Mestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Coordenadora do Nucart